

CURSO DE PSICOLOGIA

Janaína Schultz

“TU TENS QUE SE SENTIR ÚTIL. É UMA TRAJETÓRIA, É UMA VIDA”:
O SENTIDO DO TRABALHO NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS
PROFESSORES EM PROCESSO DE APOSENTADORIA

Santa Cruz do Sul
2018

Janaína Schultz

“TU TENS QUE SE SENTIR ÚTIL. É UMA TRAJETÓRIA, É UMA VIDA”:
O SENTIDO DO TRABALHO NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS
PROFESSORES EM PROCESSO DE APOSENTADORIA

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Psicologia Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, como parte integrante da disciplina de Trabalho de Curso II, para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora Prof.^a Dra. Karine Vanessa Perez

Santa Cruz do Sul
2018

**“TU TENS QUE SE SENTIR ÚTIL. É UMA TRAJETÓRIA, É UMA VIDA”:
O SENTIDO DO TRABALHO NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS
PROFESSORES EM PROCESSO DE APOSENTADORIA**

**“YOU NEED TO FEEL USEFUL. IT’S A PATH, IT’S A LIFE”:
THE MEANING OF WORK IN THE PROFESSIONAL PATH OF TEACHERS ON RETIREMENT
PROCESS**

Janaína Schultz¹

Karine Vanessa Perez²

Resumo Esta pesquisa teve como propósito compreender os fatores que influenciam no desenvolvimento da atividade de professores em processo de aposentadoria. Os participantes são profissionais de escolas públicas de educação, de uma cidade da região Centro-Serra localizada no estado do Rio Grande do Sul, os quais somaram um total de 8 participantes. A pesquisa foi fundamentada de acordo com os pressupostos teóricos e metodológicos da Psicodinâmica do Trabalho, a partir de uma adaptação, esta que tem como características favorecer a fala e a escuta coletivas, pondo o trabalho em análise. Com este estudo, foi possível verificar que, no processo de formação identitária destes trabalhadores, o reconhecimento foi um dos elementos essenciais, onde pode-se verificar que a profissão transcende os muros da escola, ficando expresso o dever social destes trabalhadores. Contudo, para que isso ocorresse, a ressignificação do processo de trabalho foi um dos pontos essenciais para a (trans) formação profissional. Essas pessoas não se reconhecem como aposentadas devido à continuidade na atividade laboral, em que fatores como os sentimentos de utilidade a partir da permanência no trabalho, o prazer e a satisfação neste contexto, o coletivo docente e a remuneração justificam a continuidade na atividade remunerada.

Palavras chave: Trabalho docente; Aposentadoria; Psicodinâmica do Trabalho; Saúde do Trabalhador; Sentido do Trabalho.

Abstract This research aimed to understand the factors that influence the development of the activity of teachers in the process of retirement. The participants are professionals from public schools of education, from a city in the Center- Mountainous region located in the state of Rio Grande do Sul, which totaled 8 participants. The research was justified in accordance with the theoretical and methodological assumptions of Psychodynamics of Work, from an adaptation, which has the characteristics of favoring collective speech and listening, putting the work under analysis. With this study, it was possible to verify that, in the process of identity formation of these workers, recognition was one of the essential elements, where it can be verified that the profession transcends the walls of the school, being expressed the social duty of these workers. However, for this to happen, the resignification of the work process was one of the essential points for professional (trans) formation. These people do not recognize themselves as retirees because of the continuity in work activity, in which factors such as feelings of usefulness from the permanence in work, the pleasure and satisfaction in this context, the teaching collective and the remuneration justify the continuity in the paid activity.

Keywords: Teaching work; Retirement; Psychodynamics of work; Worker’s health; Meaning of work.

Introdução

É inegável a relevância do trabalho na vida do ser humano. Sua importância vai além de necessidades do capital, pois este compreende também a produção e constituição de si mesmo. Na visão da Psicodinâmica do Trabalho, a atividade laboral refere-se a um espaço de constituição do sujeito, onde o prazer e sofrimento se encontram e são inerentes a esse processo, devido às relações estabelecidas (Dejours, 2008). Levando em consideração tais apontamentos e os percebendo ligados à algumas transições que o ser humano perpassa ao longo da sua trajetória de vida profissional, é importante que se mencione uma dessas etapas: a aposentadoria.

Observa-se que muitos profissionais têm adiado a saída do mercado de trabalho, mesmo depois de aposentarem-se. Nesse sentido, verifica-se que os professores de ensino básico incluem-se nessa realidade. Portanto, o interesse pela temática surgiu ao se perceber que este fato ocorria com esta categoria profissional. Além disso, ao buscar sobre o assunto, encontrou-se muitos escritos relacionados à aposentadoria e trabalho, contudo, ainda não existem muitas produções sobre este tema relacionado ao trabalho docente, sendo assim, relevante a produção de novos estudos que os abordem.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender os fatores que influenciam no desenvolvimento da atividade de professores, mesmo após o processo de aposentadoria. E, a partir disso, verificar como se dá o processo de trabalho para estes trabalhadores que se encontram nesta etapa da vida, além de evidenciar como se deu a trajetória profissional dos mesmos.

A vida no trabalho e a etapa da aposentadoria

Ao longo da história a relação do sujeito com o trabalho passou por diversas transformações, as quais impactaram na forma de trabalhar, nos seus instrumentos, nas

relações de trabalho, bem como de produção. Inicialmente os trabalhadores possuíam domínio total desse processo, contudo, em virtude das transformações advindas da Revolução Industrial no século XIX, tal atividade passou a visar disciplina, adotando um papel mecanicista e repetitivo (Krawulski, 1998), eliminando a dimensão intelectual do sujeito nesse processo, tornando-a fragmentada (Antunes, 2000). Após uma reorganização do processo produtivo, o trabalhador passou a ter participação neste, o que correspondeu à “[...] uma nova captura da subjetividade operária, [...] instaurando a flexibilidade interna construída no coletivo de trabalho” (Alves, 2000, p. 41-42).

Esta atividade configura-se como relação social, o que “envolve um conjunto complexo de relações entabuladas entre o sujeito e aqueles com e para quem ele trabalha” (Dejours e Gernet, 2011, p. 63), sendo impossível defini-lo pela via individual, ainda que seu sentido seja construído singularmente (Dejours e Abdoucheli, 2007). Frente ao exposto, Antunes (2000) manifesta que para o sujeito ter uma vida com sentido fora do âmbito laboral, necessita primeiramente ter sentido dentro deste contexto.

O trabalho sempre foi fator importante, o qual possibilita a vinculação entre as pessoas, traduzindo sua relevância para a sociedade (Freud, 1974). Para Morin (2001), a satisfação e o prazer nesse âmbito são componentes que oferecem sentido para o trabalhador, na medida em que este exerce suas competências, talentos e autonomia. Além disso, os sentimentos de pertencimento à um grupo, bem como a contribuição social, expressam algumas características de um trabalho produtor de sentido.

Esta atividade configurar-se como fonte significativa para a constituição da vida, onde esta última organiza-se mediante as exigências da primeira, que assume papel regulador da organização diária dos sujeitos (Zanelli, 1996). Sendo assim, o valor do indivíduo na qualidade de ser humano, é mensurado de acordo com o seu exercício profissional, na

sociedade contemporânea (Santos, 1990). Portanto, mediante a aposentadoria, sua falta pode causar sentimento de perda de sentido da vida.

Análises sociológicas mencionam que a aposentadoria é permeada por rupturas. No que se refere ao mundo do trabalho, estas relacionam-se aos contatos sociais, o *status* e aos papéis do indivíduo. Considera-se ainda o fato de interrupção da capacidade de produzir, portanto, esta representaria um período, no qual o ritmo de vida ganha outras configurações, diferentes daquelas vivenciadas ao longo da trajetória profissional, e por assim dizer, da vida adulta (Santos, 1990).

Várias são as opiniões em relação a esse momento da vida. Duarte (2009) traz que, a cada vez mais, há um desejo maior no que se refere a manter-se trabalhando, tanto por motivos financeiros, ou ainda pela conservação do significado que o trabalho oferece às pessoas. Diante deste exposto, percebe-se que vários podem ser os fatores que levam o trabalhador a permanecer na atividade remunerada, sendo este o objeto a ser analisado neste estudo.

Metodologia em Psicodinâmica do Trabalho

A pesquisa foi fundamentada de acordo com os pressupostos teóricos e metodológicos da Psicodinâmica do Trabalho (PdT) (Dejours, 2008), a qual é inteiramente ligada à clínica do trabalho. Esta proposta busca apreender a mobilização e envolvimento na atividade, bem como relativa a subjetividade do indivíduo, assumindo um olhar crítico sobre o real do trabalho (Mendes, 2007).

Na Psicodinâmica do Trabalho faz-se uso de um método que tem como função aliar a intervenção à pesquisa, apoiado na pesquisa-ação (Heloani e Lancman, 2008), onde busca-se favorecer a fala, mais necessariamente a coletiva, pondo o trabalho em análise. A PdT tem como intenção entender os elementos psíquicos e subjetivos envolvidos nas relações

estabelecidas do sujeito com o outro e dele com a organização do trabalho (Heloani e Lancman, 2008). Para a compreensão acerca deste fato, esta abordagem apresenta três fases distintas: a pré-pesquisa, a pesquisa propriamente dita e a validação do estudo.

A pré-pesquisa refere-se ao processo inicial, tornando-se necessário determinar o grupo de trabalhadores, o qual trabalhará juntamente com o pesquisador. Esta etapa implica no contato com o campo, para compreensão das condições ambientais, assim como o real do trabalho onde os sujeitos estão inseridos (Dejours, 2008).

Na pesquisa propriamente dita (Dejours, 2008), expõe do que se trata o estudo, sendo o processo de investigação. O pesquisador interessa-se pelos comentários que configuram o coletivo, os temas consensuais, ou ainda contraditórios emergentes (Dejours, 2008). Sendo assim, o local é definido de antemão, para a realização dos encontros com os participantes.

Por fim, a validação se dá a partir da análise empregada frente ao que foi proposto, correspondendo a uma devolução para os sujeitos participantes. Uma possibilidade de conhecimento do que foi produzido, oportunizando a expressão dos resultados da pesquisa (Baierle e Merlo, 2008).

Para tanto, foram realizadas adaptações no desenvolvimento da investigação. Estas relacionadas ao modo de apropriação das informações, na qual empregaram-se as entrevistas individuais semi-estruturadas, ao invés da ferramenta grupal, por intermédio da técnica da bola de neve, onde por sua vez um participante indica outro com as características esperadas (Vinuto, 2014).

Em relação aos procedimentos éticos, ressalta-se que o projeto de pesquisa passou pelo Comitê de Ética da Universidade de Santa Cruz do Sul, sendo aprovado no dia 20.12.17, sob a CAAE 80813717.9.0000.5343, da UNISC, não havendo vinculação à nenhuma instituição específica, o que significa que as entrevistas foram realizadas fora do contexto laboral mediante esta autorização, sem que houvesse conflito de interesses. Ante a pesquisa

propriamente dita (Dejours, 2008), foram explicados aos professores os objetivos do estudo, bem como os procedimentos éticos para aceitarem (ou não) participar da investigação. Além disso, informou-se sobre o uso de gravador, onde após transcritas, as gravações seriam inutilizadas, sendo somente para este fim. Após este momento, foi entregue aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como assegurados o sigilo durante todo o processo. Portanto, os participantes serão identificados ao longo da pesquisa com nomes fictícios.

As entrevistas foram realizadas de março a abril de 2018, somando um total de oito professores parcialmente aposentados: seis do gênero feminino e dois do gênero masculino possuindo idades entre 48 e 65 anos, verificando-se uma média de 56,1 anos. São concursados e atuam em escolas públicas de educação básica, localizadas em uma cidade da região Centro-Serra localizada no estado do Rio Grande do Sul. Estes atuam em diversas áreas do ensino: um professor do ensino básico, quatro das ciências humanas, dois das ciências exatas e um das ciências biológicas. Como critério, deveriam estar aposentados, no mínimo, há 6 meses. Sendo assim, o tempo de aposentadoria destes trabalhadores variaram de 8 meses a 16 anos, obtendo-se uma média de 3,9 anos. Em relação à carga horária semanal, evidenciou-se uma variação de 16 horas a 40 horas semanais, havendo uma média de 26,25 horas de atividades, sem considerar o tempo dedicado fora do trabalho. Em relação à forma de aposentadoria, os oito professores aposentaram-se conforme a categoria especial, correspondendo ao tempo de serviço, juntamente com a soma das idades.

Análise e discussão dos resultados

A análise foi organizada sob a divisão de dois eixos temáticos principais: Ser Professor e A Permanência na Docência. Portanto, para cada um destes, foram elaborados sub-eixos,

os quais foram organizados de acordo com os comentários verbais proferidos pelos participantes.

Ser professor

Neste eixo temático pretende-se trazer alguns aspectos que permeiam o trabalho desta categoria de trabalhadores. Buscou-se relacionar as temáticas aqui abordadas com o objetivo de verificar como se dá o processo de trabalho para os professores aposentados que permanecem desenvolvendo suas atividades, ainda que estejam em processo de aposentadoria. Para tanto, os sub-eixos apresentam-se como: identidade e trabalho, o reconhecimento no trabalho, o dever social da profissão e a ressignificação da trajetória de vida no trabalho.

Identidade e Trabalho

Segundo a Psicodinâmica do Trabalho, a identidade seria o que estrutura a saúde mental do sujeito, sendo por meio dela que se consegue manter o sentimento de equilíbrio mesmo com a passagem do tempo. Além disso, percebe-a como em constante construção, principalmente pelo olhar do outro (Molinier, 2006 apud Sznelwar; Uchida; Lancman, 2011), que vai se traduzir em reconhecimento no campo do trabalho. Lancman e Heloani (2008), ao falar sobre a identidade expressam que sua construção se dá ao longo da existência humana ante as relações estabelecidas. Nesse sentido, o trabalho torna-se importante nesta constituição, assim como na constituição da singularidade do sujeito (Dejours e Cardoso, 2001). Todos estes fatores são responsáveis pela formação da identidade individual e social, onde o contexto laboral se configura como “palco privilegiado dessas trocas” (Lancman e Heloani, 2008, p. 34). Este fato pode ser percebido nos comentários verbais dos docentes, expostos abaixo:

Eu acho que eu pude contribuir né?! Porque hoje a gente encontra o pessoal antigo né que ainda nos vê como professor né.

Eles vêm direto me cumprimentar, sabe?! Às vezes, eles vão mais longe, e eles enxergam, a professora Joana. Isso também é interessante, porque o nome, da gente muda, então além de já ser Joana, passou a ser professora Joana. [...] Já ficou na frente pro resto da vida, isso é muito bom. [...] E fica, é automático do aluno colocar o professora na frente. E eles não me chamam de dona Joana. É isso sabe?! É professora, é “fessora”, é “sora”.

A identidade é construída a partir do contato com o meio em que se está inserido, no exercício de uma ação dialógica. Em relação a isso, pode-se observar que a formação da identidade do sujeito, se dá a partir do seu fazer. O olhar do outro, especialmente nos espaços de trabalho, se traduz como reconhecimento e se constitui como um fator de manutenção da saúde mental (Perez, 2012, p. 110). Frente a pesquisa, verificou-se que mesmo a relação aluno-professor tenha se encerrado, existem alguns elementos desse vínculo que permanecem. Isso significa que a profissão exercida, passa a permear as instâncias da subjetividade e identidade, em que também a visão de mundo passa a ser conduzida pelos pontos de vista e perspectivas advindas das atribuições da profissão. Em relação a isso, se torna interessante o fato que diz respeito à dificuldade de falar-se de si, sem que se fale a partir da profissão, do próprio trabalho. Alguns aspectos vão se tornando intrínsecos ao sujeito, chegando a um ponto em que quase haja uma impossibilidade de separações entre um Eu profissional, de um Eu individual. Nesse sentido, se percebe que na composição da identidade do sujeito vários são os aspectos que fomentam sua construção, onde a vida pessoal e de trabalho se entrelaçam, entretanto ressaltando o destaque da vida profissional.

Segundo o que diz Pimenta (1996), a partir do significado evidenciado por cada docente, sobre a sua profissão, a identidade deste irá se construir. Neste decurso, o profissional é tido como autor e ator da sua história. Percebe-se uma rede de significações, onde pode-se lançar olhar para uma identidade profissional e outra pessoal, as quais são

construídas no âmbito social, fazendo com que essa identidade não se componha de forma solitária (Oliveira et al, 2006).

Em consonância com o que foi exposto anteriormente, verifica-se que no processo de formação da identidade, tanto a identificação com o trabalho, quanto o reconhecimento advindos do meio social interligam-se, fazendo com que exista uma inviabilidade em falar de cada aspecto separadamente. Além disso, fica expresso que o sujeito está em constante transformação e constituição frente às relações que estabelece com o outro, neste caso entre alunos e colegas professores. Esse fato reflete que a relação é constituída em uma via de mão dupla, como evidencia-se nos discursos abaixo:

O que eu mais gosto de perceber é que o aluno, eu digo sempre, eu não ensinei nada, ele aprendeu. [...] A cada dia digo que: eu vim trabalhar e aprender com vocês. Eles ficam me olhando com o olho desse tamanho. Porque tu estás sempre aprendendo.

E tu tá sempre, no momento que tu trabalha, com os jovens. Tu assim, tá sempre aprendendo muito. Com crianças também, mas com jovens mais tu aprende. Então, essa questão da tecnologia tu tá, tu tá sempre informada, né. Então, se tu não souberes, eles vão te ensinar.

Nos relatos acima, evidenciam-se as trocas ocorridas entre alunos e professores. E, em decorrência disso, a contribuição dos primeiros na constituição destes profissionais. Portanto, declara-se que as relações estabelecidas entre ambas gerações se tornam bastante significativas pois de um lado encontram-se a transmissão da aprendizagem sob bases sólidas e planejadas da profissão docente, do outro a atualidade, a tecnologia e inovações demandas pelos alunos, fazendo com que neste movimento se realize o entrelaçar destas duas épocas históricas, onde uma passa a acrescentar e habitar à outra, produzindo elementos que se tornam válidos a partir dessas trocas. Porém, essa realidade parece não se dar no momento atual deste contato, mas posteriormente, fora do contexto escolar, após a passagem de alguns anos, em que os alunos expressam sobre o fato de permanecerem levando consigo palavras, ações e discursos mencionados pelos professores na época da formação básica.

Neste sentido pode-se dizer que “de fato, trabalhar nunca é apenas produzir, é também viver junto” (Dejours e Cardoso, 2001, p. 91). Assim sendo, a significação conferida pelas pessoas que compuseram o percurso de trabalho docente, denotam-se como componentes essenciais para as formações identitárias no contexto laboral, onde ainda o reconhecimento também se torna ponto chave para isso.

O reconhecimento no trabalho

Outro aspecto bastante relevante diz respeito ao reconhecimento no espaço laboral, sendo considerável para que o sujeito possa dar sentido ao seu trabalho. Este fator se expõe como condição essencial no processo de saúde e satisfação no trabalho, bem como na estruturação da identidade do sujeito. Em face disso, pode-se dizer que este componente pode interferir na saúde mental do trabalhador, tanto no sentido de produzi-la quanto no sentido de deteriorá-la, a partir da sua falta (Bendassolli e Soboll, 2011). Este fator constitui-se como um elemento que possibilita o investimento na profissão, como verificado na fala dos docentes:

[...] Então assim, qualquer coisinha eu... Ai, me inspira, me ajuda. Qualquer coisinha que eu escuto assim deles. Como eu comecei a gostar né Janaína, e vi que eu estava fazendo um bom trabalho, que eu achei que eu dava pra coisa, então eu comecei.

[...] Dar aula é muito bom, é gratificante no momento, não naquele momento ali, mas depois. Às vezes a gente encontra ex alunos da gente, que dizem: Aah professora! A senhora nem sabe que tudo que falastes pra nós é verdade. Que a vida lá fora é difícil, que é preciso estudar, que o conhecimento ainda não substitui outras coisas. Então assim, tu ter esse retorno, é muito bom.

O reconhecimento está inteiramente associado à construção da identidade do sujeito (Dejours, 2008). Nesse sentido, a atividade laboral não está somente vinculada a uma forma de produzir bens ou serviços, mas é a viabilidade de “se transformar em si mesmo” (Gernet e Dejours, 2011, p. 67). Nas falas dos trabalhadores tais aspectos ficam bastante presentes, denotando que não é só importante o desejo de estar ali e a percepção pessoal sobre a sua

atividade, mas sim como isso é visto e valorizado pelo outro (ou não). Assim, observa-se que o reconhecimento pode ser proferido não somente pelas chefias, mas também e, neste caso, principalmente dos alunos que o compõe. Perez (2012) menciona que o reconhecimento é atravessado por julgamentos, os quais não dizem respeito a figura do trabalhador, mas sim a atividade laboral exercida, pelo mesmo. Nesse sentido, Dejours e Gernet (2011) definem duas formas de julgamentos: de utilidade e de beleza. O primeiro está relacionado à utilidade econômica e até mesmo técnica do trabalhador para a empresa, o seu fazer, onde à chefia concede um valor em relação ao trabalhador, apresentando verticalidade, onde há necessidade de cumprimento das regras estabelecidas. O segundo, expresso como de beleza, ocorre por meio dos pares. Isso significa que tanto os pares, os colegas, bem como a sociedade apreciam a qualidade do trabalho, ou seja, a sua apresentação (Dejours e Gernet, 2011).

Foi possível perceber que a dinâmica que envolve o reconhecimento no trabalho manifesta-se como pontual para manutenção da saúde mental do indivíduo, o qual se materializa por meio do coletivo de trabalho, a partir da relação dialógica estabelecida neste ambiente (Mendes, 2007). Relativo a isso, reporta-se para o fato da relevância que o reconhecimento e a apreciação do trabalho do professor tem para o seu fazer, o qual muitas vezes transcende os portões da escola e busca ver além destes, exprimindo o dever social conferido a profissão.

O dever social da profissão

Muito além da atividade fim, o trabalho docente demonstra-se como um compromisso para com a sociedade, e principalmente em relação à formação de cidadãos. Para Tolfo e Piccinini (2007) a partir da atividade laboral o sujeito, além de compromisso, tem o dever de colaborar para o bem do social. Em consonância com essa ideia, percebe-se o engajamento dos professores entrevistados na formação dos seus alunos, no momento em que demonstram

o quanto a educação pode constituir um potencial transformador na vida dos estudantes, como evidenciados nos comentários:

Tu tens que avaliar o aluno por um contexto mais amplo. Pelo local, a família, a comunidade, até o poder aquisitivo dele. Ver como ele vive. Tu tens que conhecer o aluno também, e ajudar também ele a progredir, pra ele se sentir motivado, pra ir buscar. Não sentir que a escola é uma coisa pesada pra ele. A escola é uma abertura do caminho da felicidade pro ser humano.

[...] Então eu entendo que a minha função principalmente dentro do colégio[...] eu tenho que servir de exemplo, pra eles seguirem aquilo, [...] eles podem melhorar, eles podem crescer, e que eles tem que crescer, tem que evoluir [...] porque se o ser humano se sentir feliz, estar bem, ele vai viver muito melhor. Então nós temos que estar engajados nisso daí.

[...] Eu vejo que a educação é a parte mais fundamental que nós temos. [...] Nós precisamos ser auto-críticos, motivadores, nos qualificar, buscar conhecimento, pra sociedade evoluir. É pela educação que vai acontecer isso aí. Não existe, outro meio, a não ser a educação [...] nós temos que modificar a sociedade.

Neste contexto, a convivência social e o trabalho docente são percebidos como algo que vai muito além do repasse do conhecimento ou da formação da cidadania (Bueno, 2001). Porém, ainda que estes aspectos sejam importantes, salienta-se que o desejo da docência nem sempre fez parte da vida dos professores entrevistados. Inicialmente, estes não viam no professorado uma possibilidade de carreira a ser seguida, tendo em vista os desejos e planos iniciais em seguir outras profissões. Portanto, no desenvolvimento deste caminho foi necessário que houvesse uma ressignificação do processo de trabalho. Este movimento se fez necessário durante a trajetória de vida dos professores, sendo um dos indicativos de construção inicial para a (trans) formação profissional desta categoria trabalhadora.

Resignificação da trajetória de vida no trabalho

Os entrevistados relataram que iniciaram a vida profissional logo cedo, em muitos casos, quando ainda tinham 17 anos, onde o ingresso na vida profissional começava logo após o término do ensino médio. Portanto, a inserção no mercado de trabalho era realizada de um modo precipitado algumas vezes. Nesse sentido, presume-se que a concepção da carreira profissional foi construindo-se nesta trajetória, mediante as reflexões, as adaptações, ou seja, a partir da ressignificação do processo de trabalho, na busca de produção de sentido

a cerca dos seus fazeres.

No campo da saúde mental e trabalho, Dejours (1993), fomenta a discussão acerca da importância da produção de sentido acerca da atividade laboral. Porém, a realidade dos docentes no início da carreira contrapunha-se com o que diz o autor, como observado nas falas abaixo:

[...] Eu me culpo muito, deu problema. Não deu certo em escola, tive que sair porque eu era muito, muito, muito rígida, muito carrasca. E deu problema com pais sabe?! [...] Mas hoje me sinto bem sabe. Ai sei lá, mudei! Mudei pra melhor. [...] Eu não gostava de estudar. [...] E, por incrível que pareça, eu não sei o que aconteceu que aí, eu comecei a adorar, a dar aula. Ali que eu comecei a me achar.

A minha entrada pra carreira [de professora] foi por acaso.

Nos comentários verbais acima, é denotado que o desejo pela carreira docente foi algo construído na trajetória profissional, possivelmente frente à algumas reflexões e da produção de sentido acerca da atividade, ou seja, a ressignificação desse processo. Ao que se refere à ressignificação, a PdT por ter suas bases fundamentadas na Psicanálise utiliza-se de um termo desta, denominado sublimação. Os trabalhadores se utilizam de mecanismos sublimatórios, ou estratégias de enfrentamento para lidarem com as condições impostas pelo trabalho e, assim têm a possibilidade de alcançarem a satisfação. Sob a ótica da PdT, este processo ocorre no contato interpessoal, logo, no contexto de trabalho. Além disso, uma vez que esse fenômeno se estabelece, dá-se espaço para a criatividade (Dejours; Abdoucheli; Jayet, 1993), o que pode impactar no modo de lidar e enfrentar com determinadas situações neste contexto. Em relação a isso, recorre-se ao fato de que esta modalidade não seria o mesmo que as estratégias de defesa. Estas últimas conduzem à minimização do sofrimento no trabalho, porém, não à ressignificação e modificação destes aspectos no âmbito laboral. Sendo assim, são positivas enquanto protegem o trabalhador das situações geradoras de acontecimentos nocivos à saúde no contexto de trabalho. Contudo, em contrapartida, ao passo que se usam destas, os sujeitos não fazem o movimento de repensá-las o que pode levá-los a certa alienação da atividade laboral, imobilizando-os (Dejours; Abdoucheli; Jayet, 1993).

Ao levar-se em conta a importância da produção de sentido frente à atividade laboral, em que se reporte ao gênero feminino, a profissão docente era, e ainda é, considerada como sendo “*boa pra mulher*”, podendo-se inferir que isso tenha sido algo, que na época tornou-se, um fator determinante para a insatisfação com a atuação. Isso evidencia-se pois, ainda que tenham ocorrido modificações na educação ao longo do tempo, algumas questões continuam demonstrando-se como fixas, reafirmando um tipo de divisão sexual do trabalho (Martins e Mendes, 2012), como visto nos comentários abaixo:

Olha naquela época, como eu estava comentando antes né, meu sonho era ser arquiteta. Já estava com trabalho e tudo arranjado né, numa construtora. [...] Mas daí não deu pra eu fazer. Estudar de noite, e daí esse sonho caiu por terra. E essa opção foi imposta né, principalmente pela mãe, foi fazer magistério né. As moças, a maioria fazia né. De certa forma eu fiquei triste, mas eu sou assim. Eu sempre gostei muito de fazer esses cartazes, a parte artística, pra dar aula né. Eu me adaptei a isso. Mas aí até acho... a realização profissional, ter um diploma, ser uma profe. E eu acho que depois superou tudo assim. Fiquei feliz, fiquei muito feliz. [...] E me encontrei ali. Posso dizer mais uma vez que eu sou realizada, no que eu tive que escolher né. Mas eu me realizei. E, eu queria que... se fosse acontecer, poderia acontecer tudo de novo.

Na verdade verdadeira, eu queria ser nutricionista [...], mas era muito longe né. [...] Ai meu pai não me deixou [...] Ai eu procurei alguma coisa que fosse parecida. Com o que eu queria.

[...] Me recordo de mim, que fui estudar. E, o meu pai queria, dizia que mulher tinha que ser professora [...] mas professora eu achava que era uma profissão boa pra mulher né, que tem filhos, é dona de casa né.

Os trechos apresentados acima corroboram com a ideia de feminização da docência, em que percebe-se que foi a imposição dos pais, de que tinham que ter uma profissão de mulher, num intuito de não precisarem, sair de casa para estudar. Conforme Hirata e Kergoat (2007), a sociedade demarca uma hierarquia social do masculino, em que o feminino depara-se assujeitado ou subordinado pelo primeiro. E nesse mesmo sentido, a divisão sexual do trabalho sedimentada “tanto na hierarquia social do masculino sobre o feminino quanto na divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres” (p. 25).

Nesse sentido, vários foram os elementos conflitantes instaurados ao longo da trajetória destes profissionais. Exemplos disso seriam a irritabilidade em pensar sobre terem que ir trabalhar e a dificuldade de relacionamento com a direção escolar, assim como com os pais

e alunos. Estes aspectos faziam com que o desejo de desistir se manifestasse em alguns momentos, demonstrando a insatisfação com a profissão exercida. Contudo, a passagem do tempo e o novo olhar frente à realidade que os cercavam, modificaram-se os tornando satisfeitos e felizes com esse lugar que ocupavam, refletindo na continuidade na profissão docente.

Permanência na docência

Neste segundo eixo temático, pretende-se relacionar as temáticas com o objetivo de evidenciar como se deu a trajetória profissional dos docentes. Desse modo, os sub-eixos temáticos a serem expostos denominam-se: as percepções sobre a aposentadoria e os fatores que influenciam na permanência dos professores na docência.

Percepções sobre a aposentadoria

Já que o trabalho se configura como uma atividade que proporciona sentido à vida dos indivíduos, pensar sobre a etapa da aposentadoria pode ser algo bastante difícil para alguns trabalhadores. A dinamicidade presente no mundo do trabalho, promove modificações no que diz respeito a atividade laboral, onde dentre estas estão a permanência dos sujeitos no mercado de trabalho, mesmo após aposentarem-se. Em relação a isso, nas entrevistas realizadas, percebeu-se uma realidade bastante interessante, a qual se verifica nos seguintes comentários:

Quando eu vi já estava aposentado. Foi ligeiro, nem parei pra pensar e quando vi já tinha me aposentado, fechou o teu tempo né. Não deu tempo, já parei e segui de novo.

Tu sabes que a aposentadoria é uma coisa que tu queres muito. E, quando ela chega parece que dá uma... aí eu caí no choro. [...] Tu tens que te sentir útil. [...] É uma trajetória, é uma vida né.

[...] Porque sei lá, se aposentar mais precisa de uma coisa pra ocupar o tempo né. A gente não é acostumada a ficar dentro de casa não tem como.

A partir do exposto, percebe-se que a pessoa dá sentido à vida e precisa de um vínculo empregatício para reconhecer-se enquanto indivíduo. Os professores demonstraram estar bastante reflexivos mediante o silêncio que fizeram durante um tempo, após a pergunta sobre a aposentadoria, comunicando não saberem pensar ou responder ao certo, tendo em vista que nunca haviam parado para questionarem-se sobre o assunto, ainda que já estejam neste processo.

Em conformidade com os elementos declarados, reporta-se para o fato de que a pessoa vivencia conflitos de ordem psicológica, sociais e culturais, já que a sociedade avalia esta etapa da vida como sendo improdutiva. Em relação a este momento, existem casos em que o indivíduo, ao sair do espaço de trabalho, presencia aspectos de rompimento das relações interpessoais com aqueles que manteve convivência durante os anos de trabalho (Irigaray; Schneider, 2008).

Alvarenga (2009), aponta que os sujeitos que produzem outras fontes de satisfação, que não somente a do trabalho, têm uma tendência a enfrentar mais facilmente a chegada da aposentadoria, oportunizando assim, a reconstrução da identidade enquanto aposentado. Porém, na maioria das vezes, mediante o sentido que o trabalho tem na vida do sujeito, as aspirações pessoais e a perspectiva de vida são depositadas ante o exercício da profissão (Moreira, 2011). Portanto, existem os fatores que impulsionam estes trabalhadores, afastando-os do encerramento da carreira profissional como professores.

Fatores que influenciam na permanência dos professores no trabalho

Existem alguns fatores que são importantes para que os professores participantes da pesquisa continuem investindo no seu trabalho e assim mantenham o seu vínculo empregatício. Desse modo, neste sub-eixo, buscar-se-á apresentar alguns elementos os quais foram identificados como responsáveis pela continuidade no exercício profissional.

Mediante os comentários proferidos pela classe trabalhadora pesquisada, aposentar-se

completamente está atrelado a noções de sentir-se inútil, improdutivo, e conseqüentemente sem valor. Isto, em decorrência do processo de produção ser superestimado (Rodrigues et al, 2005), conforme evidenciado nos comentários verbais a seguir:

Eu me sinto mais útil lá no espaço que eu estou. Então eu acho que tu tens que procurar sempre trazer uma coisa nova. Acho que se tu és aposentado, né, e se tu não tens mais nada para contribuir é melhor parar [...] Isso nunca me passou pela cabeça. [...] Acho que se chega a hora de te aposentar e tu começa a pensar que a sou um inútil, tu tá perdido [...].

Ta dando pra contribuir ainda, mesmo aposentado. Mesmo trabalhando há quase um século, como diz a gurizada. Mesmo já sendo um patrimônio do município. Mas eu acho que ainda dá pra contribuir.

Então eu vou continuar até onde eu puder. E, até que me quiserem também né. E, eu ainda acho que eu ainda posso dar alguma coisinha, acho que eu ainda posso.

Percebeu-se que de maneira geral, a continuidade dos professores no contexto de trabalho está relacionada a ser útil, o que para eles significa estar ativo e manter a produtividade. No conteúdo das falas perceber-se o sentimento de inutilidade quando pensada a vida fora deste contexto de trabalho. Além disso, é possível perceber que, embora estejam parcialmente aposentados, não se reconhecem como tais, representando que aposentar-se, para eles, não se relaciona a parar de trabalhar. Nesse sentido, as tarefas ligadas a casa, ou outra instância da vida poderiam estar compondo essa significação. Porém, isso não ocorre, pois os sujeitos somente conseguem atrelar valor significativo, atribuindo importância real às atividades ligadas ao fazer profissional remunerado. Sendo assim, outros afazeres não são considerados como trabalho de fato.

Além deste aspecto citado anteriormente, as vivências satisfatórias no trabalho demonstram-se como um dos fatores, pois favorecem a promoção de saúde do sujeito, além de auxiliarem no processo de subjetivação e identidade (Dejours, 2004). A realização e prazer no desenvolvimento do fazer docente são elementos incidem sobre a decisão de permanência destes na carreira profissional, conforme expressam:

Então na aula [...] uma menina, enquanto eu falava, ela ficou assim, me olhava assim e eu pensei “ela deve ta me ouvindo”. Então [...] aí, eu tenho que continuar. [...] Eu vejo que eles

gostam, e isso pra mim eu já fico feliz. [...] E sobre essas motivações assim, sei lá... Por exemplo, não terminam lá na escola sabe. [...] E daí, quando tu vês assim: “Profi”, eu passei em português! Ai, isso tudo, cada vez eu fico mais, meu Deus. Parece que eu tenho que fazer mais e mais pra cada um que passar.

Eu gosto, me realizo com meus alunos. [...] Com eles ali é muito gratificante.

Hoje tu vês [...] alunos nossos buscando conhecimento, buscando aperfeiçoamento, [...] então isso me satisfaz, isso me dá alegria. E a maior satisfação minha, vou ser bem franco, é eles buscarem conhecimento. Além daquilo que foi ensinado na sala de aula. [...] Eu me emociono com isso aí. [...] Ele vai constituir uma sociedade melhor. E, eu acredito que nós vamos ter. Fiquei um pouco emocionado agora. Me sinto olha, muito feliz.

É ali dentro da sala de aula que eu me realizo. É ali, pode ter certeza. Outras coisas não, com eles ali parece que eu mudo de tom, sei lá.

Através dos comentários, podem ser percebidos aspectos como a emoção quando falado sobre a satisfação no trabalho. Assim observa-se que todo o investimento, incluindo o sofrimento produzido pelo trabalho, é transformado em prazer. Para Dejours, Abdoucheli e Jayet (1993), quando o trabalho é livremente organizado pelo sujeito, o que envolve a criação por parte do mesmo, passa a ser fonte de prazer. Na forma contrária, o “trabalho torna-se perigoso para o aparelho psíquico” (p. 24), ocasionando o adoecimento do trabalhador. Mendes (2007) ao citar Dejours (1999) expõe o conceito chamado mobilização subjetiva, a qual oferece “a ressignificação do sofrimento, e não sua negação ou minimização” (p. 43), aspectos estes já salientados no sub-eixo que trata da “Ressignificação da trajetória de vida no trabalho”.

Desse modo, verifica-se que no espaço laboral, existem meios pelos quais se tem a possibilidade de ressignificar as vivências de sofrimento na busca de obtenção de prazer, (Dejours, 1999). Os professores mencionam sobre a realização diária que o seu fazer, sendo o aluno um dos pontos de motivação, ainda que estes representem as dificuldades encontradas e as preocupações no real do exercício profissional.

Segundo Dejours (2008) “trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real” (p. 28). Portanto, o modo real do trabalho, não possível de ser prescrito (Mendes e Merlo, 2009).

Entre as descobertas e a inventividade, o trabalho a ser realizado torna-se àquilo que deve ser somado às formas já prescritas, ou ainda em si mesmo para afrontar elementos advindos da organização do trabalho. O real do trabalho apresenta-se sob forma, primeiramente, de impotência e até mesmo de fracasso. E, o sujeito ao enfrentá-lo, faz uso do seu potencial criativo, na busca do alcance dos seus objetivos (Dejours, 2004). Isso ocorre, pois, é inevitável que no contexto de trabalho não existam contradições, bem como dificuldades, já que, o profissional docente conta com a disponibilidade do outro para conseguir executar o seu fazer (Merlo; Traesel; Zanini, 2017).

Ainda sobre os comentários, outro fator vislumbrado como satisfatório e gerador de prazer, corresponde a quando os alunos alcançam seus objetivos na direção do crescimento pessoal ou profissional, fazendo com que estes profissionais sintam-se reconhecidos e gratificados. Em consonância, Perez (2012), menciona que os alunos são fonte de reconhecimento quando proferem a importância dos professores na sua formação.

Várias são as formas para que o sujeito realize-se no trabalho, onde são inúmeros os aspectos que oferecem suporte para isso. Nesse sentido torna-se importante se ater as dimensões psíquicas e sociais, e percebe-se a importância do coletivo neste contexto, ou seja, as relações interpessoais produzidas no contexto escolar, especialmente no encontro com outros colegas professores.

O local de trabalho se mostra como um lugar de encontros e relações entre as pessoas, o que favorece a elaboração dos vínculos. Ao se falar no estabelecimento destas relações, atenta-se para o fato de que esta é uma das maneiras que os sujeitos podem obter reconhecimento no trabalho, bem como pertencimento a um grupo ou comunidade. Sendo assim, menciona-se o fato de que este coletivo proporciona um lugar de voz para que se possam debater aspectos permeiam a atividade laboral (Mariano e Muniz, 2006). Os professores entrevistados conferem o local de trabalho como espaço de encontros, como

evidenciado em suas falas:

É muito bom. É legal tu te encontrar com os colegas na escola, ter aquele círculo de amigos [...] ali contigo. É muito bom.

A gente se encontra, é bem bom. Tipo, eu tenho uma mania. [...] Eu chego na escola eu tomo o meu cafezinho, socializo um pouco com as gurias ali na sala dos professores, e dou aula [...].

[...] É bom também estar e conviver com as pessoas. [...] Sei lá tu sai assim, e volta com mais ânimo. [...] Ver outros colegas, conviver com as pessoas com os jovens também, os adolescentes... Então a gente fica mais jovem parece [...] nas horas difíceis, como é bom ter pessoas que te ajudam, que te entendem né.

Os professores estão em constante relação no ambiente de trabalho, portanto este último encontra-se centrado na coletividade (Tardif e Raymond, 2000). Além disso, nos comentários, foi possível perceber que o âmbito laboral em que os profissionais estão inseridos, possibilita ainda o distanciamento de problemas individuais. Sobre isso, Merlo, Traesel e Pereira (2013) ao citarem Codo (1999), manifestam que o trabalhador que não tem abertura de dividir aspectos preocupantes íntimos tem propensão de aumento dos níveis de tensão no trabalho, o que acarreta em um sofrimento ainda maior. Sendo assim, um contexto que possibilite laços sociais positivos, propiciam uma maior satisfação, além de implicar positivamente na saúde mental e física destas pessoas.

Os docentes entrevistados atribuem significados, aos colegas de trabalho, que vão além da condição profissional, os considerando como amigos, confidentes e companheiros. Nesse sentido, o espaço laboral oferece acalento e refúgio, em que coletivamente há expressão de inúmeros sentimentos decorrentes da atividade profissional ou da vida pessoal. Através das relações intersubjetivas, evidenciadas pelos professores, há possibilidade de transformar a realidade existente (Mendes, 1995). Esse fato demonstra a contribuição que as relações interpessoais têm na permanência do desenvolvimento profissional dos docentes em processo de aposentadoria, ainda que exista outro fator como a remuneração, capaz de conferir a subsistência e sobrevivência do sujeito.

É inegável a relevância que os fatores econômicos assumem na vida do indivíduo. Tolfo

e Piccinini (2007), expõe que além de algumas outras atribuições, o trabalho configura-se como “produção de vida de cada um ao prover subsistência” (p. 40). Não sendo, portanto um aspecto a ser descartado. Contudo, “sabe-se que não é só a remuneração que faz o trabalhador manter-se no emprego” (Perez, 2014, p. 127). Verifica-se isso na fala dos docentes:

Olha, o que eu vou te dizer, não adianta a gente esconder que o econômico é um dos motivos, [...] mas não vou te dizer que o dinheiro foi o principal.

E isso reforça também a parte monetária também que é muito importante. [...] Claro, também [...] não é só pensar no dinheiro.

Salienta-se o fato de que embora a questão monetária faça parte do aporte motivacional, ainda não se sobressai em relação aos sentimentos de realização profissional, pessoal e sobre as relações interpessoais estabelecidas no âmbito laboral. Nesse sentido, este fator denota-se como complementar para esta parcela de trabalhadores, ficando exposto que outros aspectos são mais importantes para a sua permanência na atividade laboral.

Considerações finais

A partir da realização desta pesquisa foi possível reafirmar o sentido que o trabalho proporciona à vida do sujeito. Com isso, foi possível verificar que vários são os aspectos que possibilitam a formação da identidade e subjetividade dos professores, sendo esta construção evidenciada nas relações estabelecidas no contexto de trabalho, ou seja, na coletividade, onde o olhar do outro demonstrou-se como fundamental para que isso acontecesse. Em relação a isso, manifesta-se sobre a relevância de se ter utilizado a Psicodinâmica do Trabalho, ainda que de maneira adaptada, como método investigativo, tendo em vista a possibilidade do oferecimento da escuta aos trabalhadores, o que representa ao mesmo tempo a necessidade de que se estabeleçam espaços coletivos que viabilizem discussões. Esta abordagem permitiu realizar entrevistas em profundidade, evidenciando o caráter clínico do método elegido para aproximar-se do contexto de trabalho dos professores participantes.

Além disso, tendo buscado compreender sobre os fatores que influenciam no desenvolvimento da atividade destes professores em processo de aposentadoria, foi possível perceber que estes estariam ligados aos sentimentos de utilidade proporcionados pela atividade remunerada, ao passo que evidencia-se que esta etapa não se relaciona, necessariamente, à um momento de interrupção do vínculo empregatício e tampouco é relativo à envelhecer. Ainda nesse sentido, observou-se que esta categoria profissional entrevistada não se reconhece como aposentada, devido à continuidade na profissão.

Outro aspecto que se mostrou como relevante na permanência da categoria na atividade laboral diz respeito às vivências de prazer e satisfação conferidos pela profissão, estas estando ligadas fortemente à relação com os alunos e atrelada ao reconhecimento destes, tanto em sala de aula, ou até posteriormente, ao passo que estes dão continuidade nas suas próprias carreiras profissionais. Sendo a escola um espaço que propicia as relações intersubjetivas, o coletivo docente se configura importante na manutenção da saúde mental da categoria entrevistada, em que a remuneração demonstra-se como integrante desse desejo de permanência, porém não é um dos fatores principais para que isso aconteça.

Embora tenham sido aprofundados um recorte bastante pequeno dentre as várias informações obtidas, estes foram bastante significativos, já que se teve a oportunidade de compreender a realidade profissional desta parcela da população, e os impactos do trabalho na vida desses sujeitos. Contudo, ressalta-se sobre a importância de se desenvolver o conhecimento desta temática, tendo em vista a escassez de material sobre a mesma.

Colaboradoras

Janaína Schultz realizou a apropriação dos dados, bem como a produção do artigo participando de todos os momentos da pesquisa. Karine Vanessa Perez, orientou e auxiliou no desenvolvimento deste trabalho, oferecendo suporte durante todo o processo, até o momento da revisão final do mesmo.

Notas

¹ Acadêmica de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

<janainaschultz@hotmail.com>

² Professora Doutora do Curso de Psicologia na Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

<karineperez@unisc.br>

Referências Bibliográficas

- ALVARENGA, LíriaNúbia et al. Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 796-802, 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 jun. 2018.
- ALVES, Giovanni. *O novo (e precário) mundo do trabalho: Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. Ed. 1. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- BAIERLE, Tatiana. C.; MERLO, Álvaro. R. C. Saúde mental e subjetividade no trabalho de uma guarda municipal: estudo em psicodinâmica do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 11, n. 1, p. 69-81, 2008. Disponível em:
<<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=>>. Acessos em: 5 nov. 2017.
- BENDASSOLLI, Pedro; SOBOLL, Lis A. P. Introdução às Clínicas do Trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In.: BENDASSOLLI, Pedro; SOBOLL, Lis A. P. (Org.). *Clínicas do Trabalho: Novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011.
- BUENO, José G. S. Função social da escola e organização do trabalho pedagógico. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 17, p. 101-110, 2001. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 jun. 2018.
- CARDOSO, Marta R., DEJOURS, Christophe. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 89-94, 2001. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 jun. 2018.
- DEJOURS, Christophe. *Subjetividade, trabalho e ação. Prod.* [online]. 2004, vol.14, n.3, pp.27-34. ISSN 0103-6513. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132004000300004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 5 mai. 2018.
- DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, E. *Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho*. In.: DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Org.) *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 2007. p. 119-145.
- DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Org.) *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1993.
- DEJOURS, Christoph. *A metodologia em psicopatologia do trabalho*. In S. LANCMAN, L. I.; SNELWAR (Orgs.), Christophe Dejourn: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008. p.107-128.
- DEJOURS, Christoph. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho/ In: Betiol*. São Paulo: Atlas, 1993.
- DEJOURS, Christoph; GERNET, Isabelle. Avaliação do trabalho e reconhecimento. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andra P. (Org.). *Clínicas do Trabalho*. São Paulo: Atlas, 2011.
- DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- DUARTE, Camila V. Expectativas diante da aposentadoria: um estudo de acompanhamento em momento de transição. *Rev. bras. orientac. Prof.*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 45-54, 2009.

Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203014934007>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: Edição standard da obras psicológicas completas de Sigmund Freud: 1974. v. 21.

HELOANI, Roberto; LANCMAN, Selma. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Prod.*, São Paulo. v. 14, n. 3, p. 77-86, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132004000300009&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 15 nov. 2017.

HIRATA, Elena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acessos em: 1 jun. 2018.

IRIGARAY, Tatiana Q.; SCHNEIDER, Rodolfo H. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, Campinas p. 585-593, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4>>.

Acesso

em: 18 set. 2017.

KRAWULSKI, Edite. A orientação profissional e o significado do trabalho.

Rev. ABOP, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 5-19, 1998. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-88891998000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 25 jun. 2017.

MARIANO, Maria do S. S.; MUNIZ, Hélder P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v6n1/artigos/PDF/v6n1a07.pdf>>.

Acesso em: 1 jun. 2018.

MARTINS, Soraya R.; MENDES, Ana Magnólia. Espaço coletivo de discussão: a clínica psicodinâmica do trabalho como ação de resistência. *Rev. Psicol., Organ. Trab.* Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 171-183, 2012. Disponível em:

<pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v12n2/v12n2a04.pdf>. Acessos em 10 jun. 2018

MENDES, A. M. *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENDES, Ana Magnólia B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C.Dejours. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995.

<<http://www.sc>Disponível em:

<[scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 9 jun.2018.

MENDES, Ana Magnólia. Pesquisa em Psicodinâmica: a clínica do trabalho. In.: _____ . *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 141-156, dec. 2009. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25746>>. Acesso em 8 jun. 2018.

MOREIRA, Jacqueline de O. Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 541-550, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a05v16n4.pdf>>. Acesso em: 02 set.

2017.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. *Rev. adm. empres.* São Paulo, 2001, v. 41, n. 3, p. 08-19. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902001000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 jun. 2018.

OLIVEIRA, Zilma de M. R.de, et al. Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 547-571, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 maio 2018.

PEREZ, Karine V. “*Se eu tirar o trabalho, sobra um cantinho que a gente foi deixando ali*”: Clínica da Psicodinâmica do Trabalho na atividade de docentes no ensino superior privado. 251f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012.

PIMENTA, Selma G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. *Revista da Faculdade de Educação*, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33579>> Acesso em: 10 jun. 2018.

RAYMOND, Danielle; TARDIF, Maurice. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Rev. Educação e Sociedade*, n. 73, p. 209-243, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v21n73/4214.pdf>> Acesso em 10 jun. 2018.

RODRIGUES, Milena et al. A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. *Rev. bras. orientac. prof.*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 53-62, 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 jun. 2018.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU, 1990.

SZNELWAR, Laerte I.; UCHIDA, Suiji; LANCMAN, Selma. A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 23. n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a02>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

TOLFO, Suzana da R.; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 38-46, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2018.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas, Campina*. p. 203-220, 2014. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

ZANINI, Juliana P.; TRAESEL, Elisete S.; MERLO, Álvaro R. C. Docência: psicodinâmica e relações de trabalho. *Psicologia Argumento*, [S.l.], v. 31, n. 72, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20183>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

ZANELLI, José C.; SILVA, Narbal. *Programa de preparação para a aposentadoria*. p.112. Florianópolis: Insular, 1996.